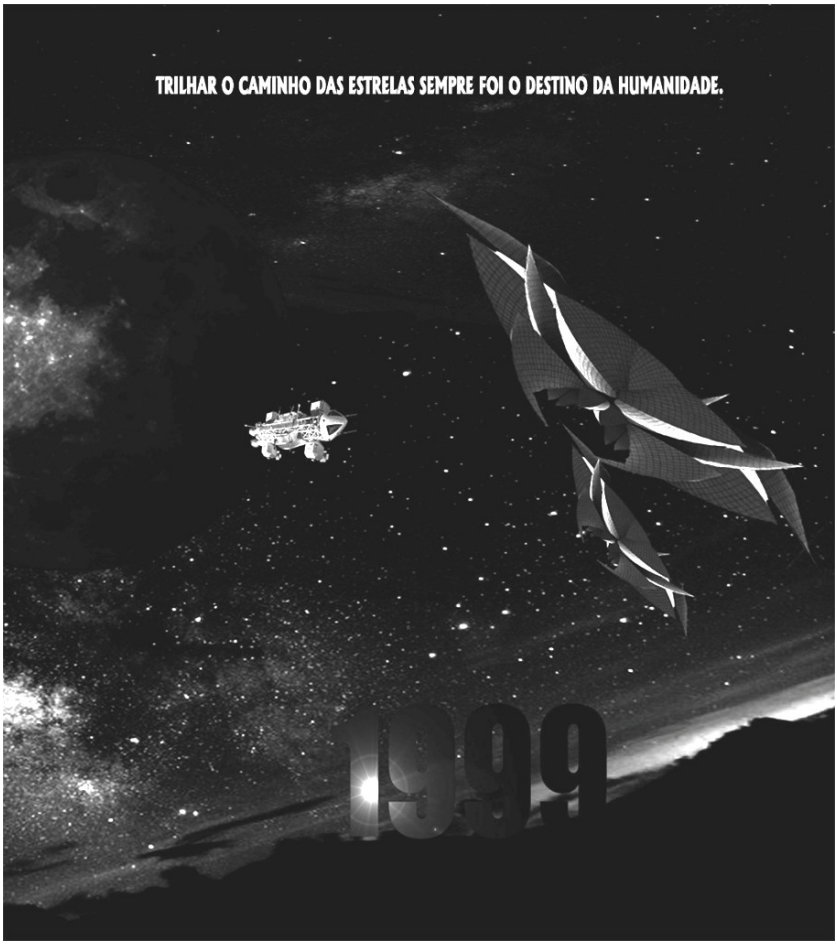



# 1999: MUITO ANTES

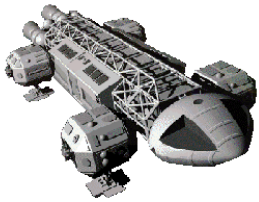
Baseada na serie de televisão criada por Gerry & Sylvia Anderson

Na Versão do Autor

Roberto Miranda

# 1999

## MUITO ANTES



In tribute for Gerry Anderson

EDIÇÃO DO AUTOR

2015

Tudo começou em 13 de setembro de 1999.

Este foi o dia em que os norte-americanos perderam seu ônibus espacial secreto algures no espaço. Propelido por um propulsor tipo hiperdrive e totalmente automatizado, o ônibus fora desenvolvido pela NASA com verba militar e colaboração do corpo de engenheiros da Marinha e da Aeronáutica.

Lançado em 1998 com o objetivo de testar equipamentos cuja tecnologia seria usada na futura frota de exploradores robóticos de baixo custo a partir da virada do próximo século, continha uma versão menor e mais potente do telescópio Hubble, em atividade desde meados de 1990. A imprensa da época jamais soube da existência deste ônibus espacial ou qual fora o seu propósito.

A nave reutilizável foi capaz de viajar a mais de 800 mil km/h, cinco vezes mais rápida que a Voyager II, e somente o controle da missão no deserto de Mojave estava capacitado a rastrea-la enquanto ela vasculhava o perímetro externo do sistema solar atrás de possíveis ameaças. Contudo, por causa das interrupções no sinal de comunicação durante as acelerações a 1/3 da velocidade da luz, toda a informação coletada era criptografada e armazenada no modulo FGB (Funtional Cargo Block), da Estação Espacial Internacional, que subiu ao espaço no inicio da montagem desta, um ano antes.

Tudo o que se sabe da missão foi registrado por telemetria junto às imagens capturadas pelo conjunto de câmaras de boa resolução inventadas até aquele ano. E após dois meses vasculhando o espaço fizera a grande descoberta. Um astro estranho, cuja existência estava sendo ofuscada pelo nosso Sol.

O supercomputador a bordo da nave coletou indícios de um planeta anão, do tamanho da lua terrestre e atmosfera rarefeita, transitando entre o brilho das estrelas há alguns bilhões de quilômetros da Nuvem de Oort. O espectrógrafo da nave identificou nitrogênio, oxigênio e hidrogênio em sua composição, mas em quantidades diferentes da atmosfera terrestre; sendo o ar venenoso aos seres humanos. Então programaram a nave para prosseguir na trajetória e, após percorrer 6,5 bilhões de quilômetros, atingiu o ponto de maior aproximação.

As fotos da tênue lua e sua camada gasosa, de coloração azul nunca foram publicadas nos anuários de ciência por causa do que flagrou durante a manobra de frenagem próxima a atmosfera.

Na foto havia um clarão avançando da superfície para o espaço e em outro voo, feito à baixa altitude, mais informações foram coletadas sobre o fenômeno.

Dias depois, o controle da missão recebeu as fotos de algo semelhante às pirâmides existentes na Terra, porém, bem maior e emitindo pulsos de energia em varias frequências, como se uma estação de radio funcionasse ininterruptamente ali. Diante da importância da descoberta, os especialistas enviaram comandos para a espaçonave retornar a orbita segura, devendo apenas observar se havia sinais de vida inteligente em cima ou sob a crosta de gelo.

Contudo, dias depois a conexão fora interrompida por uma aparente explosão durante a transmissão de dados.

Obviamente a comunidade científica entendeu que a nave sofreu avarias. Entretanto, após várias décadas de analise os cientistas

continuavam sem saber o que fizera a temperatura externa da fuselagem extrapolar o pico mais alto nas medições.

Na pior das hipóteses, concluíram que a sonda foi atingida por uns micrometeoritos durante a passagem pela camada atmosférica do planetoide e estes perfuraram a couraça de titânio do reator, e o fez explodir, gerando o terrível calor que estraçalhou o ônibus espacial em milhares de pedaços.

O que importou mesmo na época foi toda a transferência da tecnologia empregada naquela nave, inclusive radares sofisticados e outros instrumentos experimentais. Tudo foi utilizado pela agência espacial norte-americana no envio de sondas para explorar as redondezas do sistema solar em busca de algum sinal de vida alienígena.

Mas este fato foi revelado só muito tempo depois.

# 1999

## JOHN KOENIG, O SALVA-VIDAS

Ano Terrestre 2.235 D.C.

Quarenta anos após a ocupação humana da Cidade dos Domos em Marte, membros da colônia haviam instalado postos avançados ao redor do globo vermelho que vieram a contribuir no processo de transformação da biosfera planetária, em andamento há mais de cem anos.

A mais ousada missão marciana foi à adição da terceira lua, um planetoide esférico retirado do cinturão de asteroides com a finalidade de estabilizar o ângulo do eixo do planeta em 16 graus. Depois disso, dois asteroides com a crosta gelada, de mil quilômetros de diâmetro, foram rebocados da Nuvem de Oort por naves automatizadas e depositados na cratera Hellas, de modo a preenchê-la novamente com água.

Com o derretimento do gelo e o vapor de água exalado ao longo dos anos, misturado aos gases liberados do solo, o escudo de ozônio foi recuperado junto com condensação da água na atmosfera, começaram a surgir nuvens de chuva, cuja precipitação chegaria a somar 30 mililitros por dia.

Com a influência da grande lua, períodos cíclicos de clima seco e chuvoso foram se alternando até um dia aquela atmosfera vir descarregar terríveis tempestades.

E em certa manhã. Um superciclone levantou poeira do solo rosado nas imediações do lago Hellas, anunciando a pior

tempestade registrada no planeta vermelho e ameaçando destruir o posto próximo dali, onde viviam 38 pessoas.

Quatro Águias de transporte haviam entrado na zona de perigo para executar a missão de resgate, realizando manobras arriscadas de passagem pelas dunas marcianas. Cada aeronave da brigada de emergência estava sob o comando do Coronel da Força Aérea, John Koenig, 28 anos, e seus pilotos pareciam desafiar o ar a toda velocidade ao envergar as asas reguláveis e as hélices no meio destas durante o voo, cuja inclinação ora deslocava para cima, ora para baixo, conforme a intenção do piloto, a poucos metros da rosada planície estépica, até ter de usar o dispositivo de frenagem para plainar e contornar a cordilheira mais adiante acompanhando o movimento do colosso de areia a sudoeste das edificações onde iriam empreender o resgate das pessoas ali abrigadas antes de o superciclone arrasar toda a instalação.

- John! – berrou o australiano enfiado no assento do piloto da Águia Nove, Alan Carter, de 27 anos, cabelo castanho liso e franja caída na testa, espantado com as enormes gotas de chuva caindo sobre o para-brisa.

Em resposta, o indivíduo alto, de cabelo curto e escuro, em pé no modulo de serviço, trajando vestimenta laranja e prestes a enfiar o capacete na cabeça, anuiu:

- Eu já vou, Alan! - e dirigiu-se à cabine.

Depois de botar o capacete debaixo do seu braço esquerdo colocou seu rosto onde Alan podia vê-lo para saber do que se tratava.

- O que foi Alan? – disse sem ficar preocupado com o solavanco da cabine.

- John! Está chovendo pra caramba! – avisou-o, movendo a cabeça para o queixo ficar sobre seu ombro, cujo braço apontou para a janela. - E aquele ciclone vai arrasar tudo dentro de uns vinte minutos!

- Estou ciente disto! – retrucou o coronel após dar uma boa olhada no problema que havia lá fora.

- Já terminaram o reparo do rastreador? – quis saber Alan, referindo-se ao trabalho sendo executado pelos técnicos em eletrônica em serviço no módulo de resgate.

- Ainda não! Vai ter de tirar proveito da visibilidade existente. – reportou John.

Alan Carter procurou por qualquer sinal de preocupação no pragmático rosto do comandante, e uma vez mais viu apenas sua inabalável confiança.

- Foi o que pensei. – disse Alan, conformado. - Espere um minuto! – alertou pondo a mão sobre o auscultador na orelha direita ao receber mensagens cifradas, e um instante depois anunciou: - Os pilotos Baxter e Fraser estão retirando as pessoas no alto do prédio. E a Águia Dois acaba de pousar na Ala Norte. – nova pausa, e falou: - Kraus levará cerca de cinco minutos para pegar a equipe científica.

- Ótimo! Eles não vão precisar de nós e vamos dar o fora em tempo! – previu John.

Ele tinha se virado para o modulo quando Alan o chamou outra vez.

- Espere John! – exclamou Alan ao ouvir novo comunicado da Águia Dois, depois lhe falou: - Kraus recebeu a informação de que há alguém no sitio arqueológico, mil pés a noroeste.